

# A REPRESENTAÇÃO SOCIAL DE NADADORES MASTERS CAMPEÕES SOBRE A SUA PRÁTICA COMPETITIVA DA NATAÇÃO<sup>1</sup>

Fabiano Pries Devidé<sup>2</sup>  
Sebastião Josué Votré<sup>3</sup>

**RESUMO:** Este estudo tem seu foco nas representações sociais relacionadas ao esporte master. O objetivo foi identificar os elementos das representações sociais dos masters sobre a prática competitiva da natação. Dez campeões masters, ex-atletas na infância e filiados à Associação Brasileira de Masters de Natação constituíram o grupo de informantes. Utilizamos uma entrevista guiada e a observação participante, em sete eventos do calendário oficial master de 1998. Para a análise, utilizamos uma abordagem plurimetodológica, com base nas Representações Sociais, na Análise do Discurso, na Etnometodologia, e em quatro categorias: a competição, a saúde, o envelhecimento e o lazer. Identificamos a polifonia, a polissemia, a plurirreferencialidade e a construção do sentido no dialogismo como marcas discursivas dos masters. As representações sociais dos masters formam uma tecitura de saberes, com três elementos nucleares: i) a competição; ii) a manutenção da saúde; e iii) a confraternização, que tendem a abarcar outros, como a condenação do excesso na disputa, a valorização das premiações, o respeito aos limites individuais e a busca da velhice sadia. Quanto às diferenças face à idade, identificamos uma homogeneidade, convergindo para a valorização da premiação e da competição, a maturidade diante do resultado, as auto-representações de campeões e a natação como o melhor esporte. Os aspectos que marcam a diversidade do grupo foram a forma como encaram a decadência física, o amadorismo master, a reprovação da competitividade exacerbada e o resgate da jovialidade.

**UNITERMOS:** Representações Sociais; Natação Master; Competição

## Introdução

A Educação Física (EF) se constitui numa área de estudo com diversos focos de atuação, predispondo os profissionais a atuarem e produzirem conhecimento sobre grupos idiossincráticos, de diferentes realidades sociais. Refletindo sobre esta questão e seguindo a tendência do PPGEF/UGF (Votré, 1996, 1998) em desenvolver e valorizar estudos de grupos que escapem ao perfil comum, investigamos, através de uma abordagem microsocial, um grupo minoritário e pouco conhecido dos profissionais de EF: o dos nadadores *masters* brasileiros.

## Relevância

As motivações para trabalharmos com este grupo provêm do fato dos trabalhos realizados com os *masters* não investigarem os nadadores abaixo dos 55 anos (Pável, 1993; Santiago, 1993); do gradativo aumento da expectativa de vida no país e no mundo; do aumento do tempo livre na velhice, contribuindo para a realização de outras atividades, como a prática de exercícios (Dumazedier, 1994); da realidade da maioria dos trabalhos na área de natação, assim como os cursos de graduação em EF se dirigirem para a intervenção no público infanto-juvenil; e da possibilidade de expansão deste campo de atuação para profissionais de EF.

A contribuição específica deste estudo, em relação aos já realizados sobre os *masters*, consiste na abordagem do objeto

de pesquisa, focalizando o grupo com suporte nas Representações Sociais (RSs), na Análise do Discurso e na Etnometodologia, privilegiando o caráter microsocial, da interação imediata e da construção do sentido no dialogismo, em que entram em conflito os conhecimentos científico e popular.

## Problema, objetivos e questões a investigar

No processo de amadurecimento acadêmico do estudo, encontramos questões ainda não respondidas sobre os *masters* de natação. Com o interesse e a proliferação de leituras sobre as RSs e a Etnometodologia no PPGEF/UGF, delimitamos e construímos o nosso problema: Quais as RSs dos nadadores *masters* campeões, de diferentes idades, sobre a sua prática competitiva?

Tendo como objetivos identificar as RSs dos *masters* sobre a sua prática competitiva da natação, caracterizar diferenças dessas RSs face à idade, e investigar os aspectos emergentes do discurso relacionados à prática esportiva do grupo; elaboramos questões que nos orientaram face ao objeto de pesquisa, as quais buscaram esclarecer como se comportam os fatores motivacionais para a prática da natação face à idade; se a competição e a saúde são motivações centrais para o grupo se dedicar à natação; se há diferença no grau de competitividade face à idade; saber como jovens e idosos avaliam sua participação neste movimento esportivo; se a natação é considerada uma atividade de lazer pelos *masters*; conhecer o que contribuiu para que eles tenham se mantido ou retornado a este esporte; e confirmar se utilizam a natação para combater a velhice.

<sup>1</sup> Pesquisa financiada pela CAPES e apresentada como dissertação ao PPGEF/UGF, na linha de pesquisa de Representações Sociais da Educação Física, Esporte e Lazer.

<sup>2</sup> Doutorando em Educação Física no PPGEF/UGF/RJ, docente da rede estadual do Rio de Janeiro, desenvolvendo estudos com representações sociais, história oral e gênero no esporte. (e-mail: fdevide@terenet.com.br)

<sup>3</sup> Orientador da pesquisa e docente dos cursos de Mestrado e Doutorado do PPGEF/UGF/RJ.

Tais questões convergem para um pressuposto geral, de que há um conjunto compósito de fatores emergente no discurso dos *masters*, relacionados à sua prática esportiva, os quais possuem mobilidade, variando conforme a história de vida de cada informante com a natação.

## A construção do objeto de pesquisa

Nesse contexto, após um estudo sobre a história oral da Associação Brasileira de *Masters* de Natação (ABMN) (Devide, 1998), contatamos os coordenadores da equipe de *masters* do Clube de Regatas Icarai (CRI), em Niterói, nos filiando à Federação Aquática do Rio de Janeiro (FARJ) e à ABMN, para participarmos dos campeonatos organizados pelas entidades. Integrando a equipe do CRI, o que contribuiu para sermos melhor aceito no grupo, viajamos para os eventos, em que coletamos as informações do estudo com informantes de diversos clubes do país.

Em virtude dos objetivos da pesquisa, utilizamos uma abordagem de orientação etnográfica (Becker, 1997), com dados descritivos que dizem respeito ao discurso e às práticas sociais desses atores. Estas informações foram coletadas através de uma entrevista guiada, e da observação participante feita nas viagens, competições, hospedagens e passeios com os nadadores. Tais estratégias objetivaram identificar os elementos das RSs dos *masters* sobre a sua prática competitiva da natação e a circulação dessas RSs no cotidiano do grupo, pois privilegiamos aquelas RSs veiculadas na intercomunicação através da linguagem e das práticas sociais.

O grupo de informantes se compôs por 10 nadadores, de diferentes idades, ex-nadadores na infância e campeões *masters*<sup>4</sup>. Não ampliamos o número de informantes por considerarmos que a análise discursiva é profunda, conseqüentemente *“estes estudos têm utilizado poucos sujeitos. Trata-se (...) do que chamamos (...) ‘sujeitos genéricos’ que, se devidamente contextualizados, têm o poder de representar o grupo no indivíduo”* (Spink, 1995, p. 129)<sup>5</sup>.

## Suporte teórico-metodológico de análise

Além de utilizarmos quatro categorias (competição, saúde, envelhecimento e lazer), que auxiliaram e foram consideradas em estudo preliminar<sup>6</sup>; nos balizamos nas abordagens teórico/metodológicas das RSs, da Análise do Discurso e da Etnometodologia, referenciais que reconhecem os sujeitos enquanto atores sociais e atribuem à linguagem um papel fulcral, por sua função no estabelecimento da interação e na elaboração de RSs, etnométodos e discursos, permitindo aos atores uma melhor compreensão da realidade.

No que diz respeito às RSs, nos remetemos a Serge Moscovici (1978, 1995), pioneiro nos estudos de RSs; a estu-

diolos influenciados por sua matriz teórica fundante, como Denise Jodelet (1989, 1998), que enfatiza os suportes pelos quais as RSs circulam no cotidiano, como o discurso e as práticas sociais; Jean-Claude Abric (1994), que se concentra na estrutura e transformação das RSs em torno do núcleo central e do sistema periférico, entre outros como Sá (1996, 1998); Spink (1995, 1996); e Madeira (1998).

Ao analisar o discurso dos *masters*, optamos pela abordagem pragmática da linguagem (Rorty, 1994; Costa, 1994). A pragmática assume que, ao dizer, o sujeito age no mundo, pois sua fala transmite crenças e desejos, desencadeando atitudes nos interlocutores, tornando a linguagem numa ferramenta. Da Análise do Discurso de abordagem interdisciplinar, usamos os conceitos de “sociedade de discurso” (Foucault, 1996); do *locus* social do qual o sujeito constrói o discurso, influenciado pelas formações discursivas (Fiorin 1995); dos mecanismos de controle de discurso (Foucault, 1996); de interdiscursividade e polifonia (Maingueneau, 1997); da construção do sentido no dialogismo (Bakhtin, 1995); e da polissemia (Pêcheux, 1995).

Na Etnometodologia, nos remetemos aos pressupostos da indicialidade lingüística e da noção de membro, baseados nos estudos de Garfinkel (1994) e Coulon (1995), que propõem uma abordagem microsociedade, privilegiando o processo e a compreensão dos fatos sociais.

Optamos pela abordagem plurimetodológica (Spink, 1995), no intuito de enriquecer a análise e consubstanciar a validade das considerações finais, visando a melhor compreensão do discurso e das práticas sociais dos *masters* que, através da linguagem, tendem a produzir, reproduzir, construir, reconstruir, significar e ressignificar as RSs sobre a sua prática esportiva.

## “Membros” e “sujeitos genéricos” da “sociedade discursiva master”

Alinhando-nos ao ironista liberal de Rorty (1994), reconhecemos que o nosso “vocabulário final” não responde a todas as questões, sendo, portanto, uma síntese provisória. Em função deste estudo discutir questões construídas e reconstruídas sobretudo no tempo curto, reconhecemos a ambigüidade, complexidade, contradição, contextualidade e opacidade como naturais, pois lidamos com o discurso e as práticas sociais construídas na interação coletiva. Assim, apontamos para o que circula na superfície discursiva e nas práticas dos *masters*, concebendo a unidade do grupo como síntese de sua diversidade, não descrevendo-o pela sua coerência interna, por sua complexidade, que dificulta a formulação de padrões.

Concentrados no discurso dos informantes e nas práticas sociais do grupo, concebemos nossos *masters* enquanto seres de linguagem e de práxis, pois através da palavra e das ações, transformam a realidade que os cerca. Enquanto “membros” da

<sup>4</sup> Pela relevância nacional da ABMN, realizamos entrevistas somente com *masters* associados à essa entidade.

<sup>5</sup> A composição do grupo de informantes por nadadores *masters* campeões não lhes retira a condição de “sujeitos genéricos”, pois analisando o discurso e as práticas do grupo como um todo, identificamos auto-representações focadas na figura do campeão, mesmo entre os que não se sobressaem no cenário competitivo *master*.

<sup>6</sup> Refiro-me à versão final apresentada na qualificação no PPGEF/UGF sobre *A representação social da prática da natação no discurso e nas práticas sociais dos nadadores masters brasileiros*. Rio de Janeiro: UGF (mimeo).

"sociedade discursiva *master*", eles representam em si a síntese do grupo, sendo únicos, permitindo-nos atribuir-lhes a condição de alteridade. São "sujeitos genéricos" que trazem dialeticamente o grupo em si, por possuírem a alteridade em relação ao grupo ao mesmo tempo em que trazem traços compartilhados nele.

O discurso de suas histórias singulares com a natação contribui para marcarem sua alteridade em dois sentidos: por serem *masters*, esportistas que treinam com fins competitivos em fases da vida em que geralmente o trabalho, a família e, por vezes, o ostracismo tendem a ser centrais; e por além de serem *masters*, serem campeões brasileiros, sul-americanos ou mundiais.

## Características discursivas do grupo

Admitimos, a partir dos dados disponíveis, que a produção discursiva sobre a prática competitiva da natação resulta, em parte, da interação desses atores com técnicos, familiares e parceiros de piscina, contribuindo para a tecedura de saberes que constituem suas RSs, fruto de interações face a face do cotidiano. Neste contexto, o discurso dos *masters* é polifônico, polissêmico, plurireferencial e constrói-se no dialogismo, marcas discursivas que influenciam a estrutura das suas RSs, flexíveis e escorregadias, refletindo a complexidade do seu pensamento.

O deslizamento de sentido no discurso dos *masters* fez com que nós o interpretássemos como uma construção dialógica na interação, em que não se busca nitidez onde o enunciador não a vê, nem fornece evidência de que a procura produzir. Portanto, encaramos as RSs dos *masters* campeões sobre a sua prática competitiva como um compósito de elementos não discretos, que contribuem para compreender os comportamentos desses atores frente à sua prática esportiva.

Por um lado, consideramos a harmonia com que os elementos das RSs convivem no discurso dos *masters*, não os analisando como se estivessem em oposição ou de forma hierárquica. Os encaramos como aglomerados e interdependentes, que convivem juntos, sobrepondo-se em diferentes momentos do discurso, assim como em diferentes contextos. Por outro lado, consideramos que os informantes constroem o sentido de seu discurso na interação, apresentando constantemente novos elementos àqueles já enunciados, o que contribui para a complexificação das RSs que possuem sobre a sua prática esportiva de competição.

## Análise e interpretação do diário de campo e do discurso

### 1 A observação participante

Na interpretação das informações do diário de campos, nos mantivemos atentos às considerações de Becker (1997), de

que quanto maior o número de evidências com foco no estudo reunidas, maiores as possibilidades de o pesquisador estabelecer conclusões válidas; e de Jodelet (1989) sobre a necessidade da utilização da observação em conjunto com a análise discursiva, com vistas à certificação da circulação das RSs nas práticas dos atores.

Analisando nossas anotações de campo, identificamos a saliência de alguns elementos no cotidiano dos *masters*. A *competição*, concebida enquanto disputa e observado em fatos como a ansiedade na saída dos resultados das provas; ânsia de classificar-se para receber medalhas; conversas cujos tópicos eram o desempenho na prova; receio dos "adversários"<sup>7</sup> após a leitura do programa de provas; desejo de bater recordes; e valorização da premiação.

Outros aspectos observados foram a possibilidade de *socialização*, identificado nas saídas dos grupos de idade heterogênea, no clima descontraído entre *masters*; e de *lazer*, no desejo de conhecer os pontos turísticos das cidades-sede dos eventos. Constatamos também a busca de *realização pessoal* e da *auto-estima*, representadas na valorização da medalha, pendurada no pescoço após o evento, e até mesmo na viagem de volta; a realização e a superação de desafios de estar presente no evento, de baixar a marca anterior na prova, ou mesmo completá-la.

O *amadorismo* é um aspecto presente, e nos chamou a atenção em dois aspectos. Por não exigirem índices para a inscrição, nadadores menos habilidosos completam o percurso da prova em um tempo muito superior aos campeões; contudo, ao contrário do que é comum, eles são, muitas vezes, mais aplaudidos como exemplo de persistência do que o vencedor. Também nos surpreendeu a solidariedade entre os nadadores antes da prova, pouco comum em competições individuais, em que comumente se observa um combate direto ou indireto, em que dois lados buscam o mesmo objetivo, tendendo a aumentar o caráter hostil, diminuindo a cooperação.

A preocupação com a *estética do vestuário* pôde ser observada nos cuidados que alguns *masters*, particularmente as mulheres, têm em combinar as cores de maiôs com as toucas de natação, e até mesmo utilizar os melhores acessórios, na maioria importados. Isso se estende aos uniformes esportivos, sempre coloridos, traduzindo o espírito jovial dos nadadores(as).

A atitude de *valorização dos nadadores por familiares e amigos* também foi observada, sendo comum os *masters* estarem com a família que os valoriza, ao mesmo tempo em que a natação os une após o evento, em passeios pelas cidades turísticas, sedes dos eventos.

Nos campeonatos, fatos relacionados à *saúde* nos causaram impacto. Encontramos uma nadadora da categoria 70+ que, mesmo com uma fratura no tornozelo participou de suas provas, além de nadadores com picos de pressão arterial serem medicados após suas provas e retornarem à piscina para nadar o revezamento. Tais aspectos nos faz repensar o limite da prática do esporte direcionada à saúde, tão presente no discurso, mas às vezes distante das práticas do grupo.

<sup>7</sup>A palavra "adversário" aparece entre aspas por ser utilizada pelos informantes quando se referem aos outros nadadores que participam nas mesmas provas que eles.

## 2 A análise discursiva

Neste estudo, a escolha por focalizar a linguagem é fruto do reconhecimento, nosso e de outros estudiosos (Moscovici, 1978; 1995; Fiorin, 1995; Spink, 1996; Madeira, 1998), de que a linguagem tem uma função primeva na gênese e na circulação das RSs no cotidiano dos grupos.

Num primeiro momento da análise do discursiva, fizemos uma leitura flutuante das entrevistas, para identificarmos na superfície discursiva saliências responsáveis pela ancoragem das RSs dos *masters* campeões sobre a prática competitiva da natação. Depois, então, nos concentramos em questões menos transparentes, implícitas, não somente nas compartilhadas, mas questões que identificam a alteridade de cada informante em relação ao grupo.

Após a análise das anotações de campo e da análise discursiva, consideramos que, dentre os elementos enunciados pelos informantes e observados por nós<sup>8</sup>, três tendem a ser mais nucleares e ancorarem as suas RSs: a competição, em seus múltiplos sentidos: evento, disputa, auto-superação, participação e outros menos nítidos; a busca da manutenção da saúde, presente no grupo através das noções de aptidão física e bem-estar; e iii) a confraternização.

Tais elementos circulam no discurso e nas práticas sociais do grupo, como foram observados *in loco* durante as viagens. A exceção fica por conta da manutenção da saúde, que, talvez por estar cristalizada e compartilhada no grupo e fora do universo da natação, seja menos comentada no cotidiano dos *masters*; contudo, é inerente e implícita na sua prática esportiva.

Em virtude do compósito formado, consideramos que esses três elementos mais nucleares abarcam outros menos abrangentes. A competição, p. ex., tende a abranger a condenação da exacerbação da competitividade, o respeito aos limites individuais, as auto-representações dos *masters* como campeões, e a valorização das premiações; aspectos relacionados respectivamente: aos excessos na disputa, ao respeito aos limites descobertos, à figura do campeão, e às medalhas.

Pela plurirreferencialidade inerente ao discurso dos informantes, aqui nos remeteremos somente aos elementos mais nucleares das RSs dos *masters* sobre a sua prática esportiva.

### i. A competição

A *competição*, em seus múltiplos sentidos, marca presença no discurso dos informantes. Entretanto, é a competição entendida enquanto “evento” que se constitui em um motivo decisivo para se manterem ativos, o que nos faz considerá-la como um aspecto nuclear das suas RSs.

Ao iniciar o estudo, concebíamos a “competição” em dois sentidos: o de disputa com o outro e o de auto-superação, aspectos que identificamos nas falas de informantes. Flávio, Aram e Gastão, p. ex., traduzem em alguns momentos a competição como *disputa*, buscando a vitória, supondo a derrota de outros nadadores(as):

“(…) a *competição* (...) de *master*, ela é um grande incentivo, uma grande motivação pra que você... faça os treinamentos porque (...) você tá sempre procurando... melhorar, (...) procurando... é... *ganhar daquele seu adversário*”. (Flávio, 48 anos)<sup>9</sup>

“(…) em plena atividade laboral, é difícil voçê *competir com os nadadores masters* de outros países, porque (...) se aposentam com 60 anos. E com 70 (...) o que eles fazem? Vão nadar! (...) nadam 6 mil, 10 mil por dia. *Eu não tenho condição de competir com eles*”. (Aram, 69 anos)  
“Ah, hoje eu vou nadar. (...) eu não vou *competir*”. (Gastão, 88 anos)

Analisando as falas acima, identificamos o *outro* com o qual se compete em camadas distintas do discurso. Ele está explícito em Flávio, pelo adjetivo *adversário*; quase implícito na fala de Aram, através do pronome *eles*; e totalmente implícito no discurso de Gastão, pois podemos supor, mas não saber ao certo, com quem ele competirá: outros *masters* da sua idade.

Entretanto, as noções de disputa e de “busca de excelência” também coexistem no discurso de *masters* como Alberto (78 anos), reforçando a polissemia lingüística. Assim, não busca-se um sentido literal nas palavras, pois ele é construído no contexto da interlocução, das posições do enunciatador e ouvinte, e dos interesses de cada um (Pêcheux, 1995).

“Nem sempre eu *nado pra superar a minha marca*, e nem sempre eu *nado pra vencer* também. Eu (...) dou o que eu posso. (...) *Nadar pra minha performance* que é importante. (...) *é saber se eu fico dentro da marca que eu me propus a fazer*”.

Alberto tende a exprimir e vincular, na mesma fala, as noções aparentemente contraditórias de disputa e de “busca de excelência” relacionadas ao verbo *competir* e à palavra *competição*. Ele desliza constantemente entre esses sentidos. No decorrer da fala, quando afirma “*Nem sempre eu nado pra superar a minha marca, e nem sempre eu nado pra vencer*”, Alberto veicula, na primeira parte da frase, o sentido de auto-superação, e na segunda o sentido de disputa, pois para vencer é necessário derrotar outros.

<sup>8</sup> Tais elementos podem ser apreciados no texto integral da dissertação e referem-se à: polissemia e indeterminação semântica do verbo ‘competir’ e da ‘competição’; à valorização das premiações; à plurirreferencialidade e construção do sentido na interação; à condenação dos excessos na disputa; ao respeito aos limites individuais; às representações sociais do “velho”/idoso e sua inserção/exclusão social; à autonomia e ao retardamento dos sinais do envelhecimento; ao resgate da jovialidade e auto-estima pela prática esportiva e disputa com os mais jovens; à natação como melhor esporte; aos significados da vitória e da derrota; à maturidade dos *masters* face aos resultados; às auto-representações de campeões; à natação no cotidiano *master*; à natação enquanto lazer; ao amadorismo *master*; e aos aspectos nucleares apontados pelos informantes sobre a natação *master* brasileira.

<sup>9</sup> Grifamos algumas palavras em negrito ou trechos em itálico das falas dos informantes, com o objetivo de destacá-los para melhor focalização pelo leitor dos aspectos relevantes que são comentados sobre o seu discurso.

Ainda identificamos outro sentido atribuído à competição, como o de *evento* (acontecimento social), respectivamente nas falas de Gastão (88 anos): "Como toda a competição, eu acho que, (...) evidentemente, sendo *uma competição* internacional, ela motiva mais né?"; e também na fala de Aroma (39 anos): "(...) *cada competição* é (...) um encontro com os amigos. (...) os meus filhos falam: '-Ah, você viaja tanto!'. Mas aí eu tenho um motivo, o *da competição*".

A *participação* também foi um sentido identificado na análise discursiva e associado por nós à palavra *competição*, como visto no discurso de Aram (69 anos): "para poder manter o treinamento, eu **entro** em todas as competições, me obrigo a treinar e vou a todos os mundiais". Aqui, o sentido vinculado ao verbo *entrar* está diretamente relacionado à participação, presença.

A competição entendida como disputa parece não ser o principal motivo para os *masters* nadarem. Já a competição entendida como evento é essencial, como nos mostra Júlio (31 anos): "É lógico que se você tem a competição, você vai ir lá por um motivo (...). As competições são *importantes* pra te manter ativo. (...) com certeza"; e também Luiz (36 anos), que em sua fala usa vários verbos com sentido pragmático, tais como *incentivar*, *ajudar* e *doutrinar*, relacionados à competição (evento) como fator para a manutenção da prática da natação, assim como palavras que traduzem a sua relevância (*importante* e *fundamental*): "Ela *incentiva* você a continuar treinando (...). A competição *ajuda* a gente... a se preparar. (...) é *importante*. Você só continua pelo incentivo da competição. (...) é *fundamental*. *Doutrina* você a estar treinando".

No entanto, em algumas falas é difícil se atribuir um sentido nítido à palavra *competição*, que passa, então, a oferecer uma polissemia e uma indeterminação semântica, como, p. ex., a de Maria Lenk (84 anos): "eu nunca deixei de nadar (...). Mas (...) o treinamento só veio depois de aposentada, já objetivando a *competição* de *masters*"; e a fala de Luiz (36 anos): "Perder é não estar treinado. (...) é você estar nadando e não se preparou *pra competição*".

Em ambas as falas pode-se atribuir sentidos de disputa e de evento à palavra *competição*. O seu sentido passa a ser opaco e não discreto, sendo necessário que se contextualize e varra toda a entrevista do informante para identificar o local de produção do discurso e as motivações que levam o enunciador a conceber a competição de tal ou qual maneira (Bahktin, 1995).

A observação do grupo dos *masters in loco* nos fez inferir que a ausência da competição (evento) acarretaria o abandono da prática da natação pela maioria do grupo, o que possibilita esta categoria ser nuclear nas RSs desses nadadores sobre a natação (Abric, 1994; Sá, 1996).

Entretanto, a competição entendida como disputa, é menos valorizada pelo lema do grupo: *Fitness, Fun, and Friendship*, que circula entre eles através das noções de saúde, aptidão física, bem-estar, diversão, lazer, confraternização e amizade. Neste sentido, entendemos que se nas práticas sociais observa-

mos a competição enquanto disputa saliente<sup>10</sup>, pode haver mecanismos de controle do discurso no interior do grupo, como a interdição (Foucault, 1996), em que se censura comportamentos, contribuindo para os informantes não porem certos temas em relevo, na superfície discursiva, produzindo, assim, respostas socialmente desejadas.

Esta situação de produção discursiva nos remete ao que Moscovici (1978) denominou de *pressão à inferência*. Este aspecto impele os interlocutores a adaptarem o seu discurso a um código comum, por antecipações precipitadas e adesão estrita ao consenso da formação discursiva que se impõe ao grupo (Pêcheux, 1995), resultando nas freqüentes respostas prontas. Além disso, o conhecimento das atitudes da audiência favorece as respostas dominantes, compartilhadas, esperadas e com maior possibilidade de aceitação e compreensão.

Interpretamos, nesse sentido, que o *master* tende a se censurar ao falar sobre a competição enquanto disputa, pois, na sua maioria, antes de discorrer sobre o movimento *master*, ele enfatiza que este aspecto não é o maior objetivo do grupo, mas sim o congraçamento. No entanto, a fala de Aroma (39 anos) exemplifica a competitividade de alguns nadadores, seja quando competem no sentido da disputa com o outro ou na busca da auto-superação:

"eu não sou de falar: '-Vou nadar devagar'. (...) Posso até falar, mas... não é assim. (...) Sempre coloco o tempo bom pra ir nas melhores séries... Não adianta cair na série ruim (...). Porque não tem ninguém do lado, não significa que eu não vou forçar. (...) Vou nadar forte do mesmo jeito. Não adianta, (...) não consigo controlar".

## ii A natação para a manutenção da saúde

A *manutenção da saúde* é outro elemento saliente no contexto do grupo. A natação é enaltecida perante as demais práticas físicas, em função, na opinião do grupo, dos benefícios que oferece, fazendo com que os *masters* a reconheçam como a melhor atividade para a sua saúde, desconsiderando, por vezes, os possíveis malefícios que o seu excesso pode acarretar.

No contexto onde a natação assume lugar central nas práticas do grupo, os informantes utilizam argumentos cristalizados no cotidiano, sobre o exercício e a saúde, enfatizando os benefícios da prática regular da natação, considerado o melhor esporte.

"Não tem nenhum esporte, (...) melhor do que a natação. (...) não te provoca nenhuma lesão. Te dá um condicionamento vascular, (...) trabalha todos os músculos. (...) é o melhor esporte que tem". (Flávio, 48 anos)

"A melhor coisa que existe é a natação. Porque a corrida, pra uma criatura da terceira idade, ela agride". (Gastão, 88 anos)

"A natação melhorando a circulação geral (...) faz um bem

<sup>10</sup> Algumas anotações do diário de campo feitas durante os eventos mostraram que os nadadores ficam ansiosos com a divulgação dos resultados das provas, na expectativa de conseguirem se classificar para poderem receber medalhas; e que outros ficam receosos com "adversários" após a leitura do programa da competição, ocasião que lhes permite ter conhecimento prévio dos tempos dos demais nadadores que irão nadar com eles nas provas.

enorme, entendeu? Então, *eu aconselho a todos que nadar é o esporte ideal...*" (Alberto, 78 anos)

Ao construir o seu discurso, Flávio aponta benefícios da natação, enquanto Gastão e Alberto transparecem a função pragmática da linguagem enquanto ferramenta (Costa, 1994; Fiorin, 1995), procurando convencer o ouvinte de que realmente a natação é "a melhor coisa" ou aconselhando-a: "nadar é o esporte ideal...".

Neste estudo posicionamo-nos quanto à representação da natação como o melhor esporte, ampliando a discussão e enfraquecendo esta afirmação, como estudos comprobatórios sobre os riscos que a natação também oferece (Costill et alii., 1992). Ao falarem sobre a natação e suas vantagens, alguns informantes afirmam terem apresentado lesões causadas por sua prática. Alberto (78 anos), p. ex., ao retornar ao esporte como *master*, em 1992, desenvolveu uma tendinite no ombro pelo excesso nos treinos: "Às vezes dá tendinite quando você esforça demais um grupo muscular como o ombro. Até (...) quando eu comecei a nadar [no *master*] eu tive".

A este respeito, Júlio (31 anos) constrói, na interação conosco, a relação da natação com a saúde. No início da entrevista reconhece o risco de lesões pelos treinamentos, apontando alguns casos que ele presenciou com seus companheiros de equipe na seleção brasileira de natação: "(...) tive uma vez uma *epicondilitis* (...) mas foi (...) passageira, (...) evitei um pouco o treinamento com palmar, (...) com o extensor e tal. (...) nunca tive (...) uma tendinite mais violenta como eu vi com outros atletas (...). O Michelena (...) teve que até abandonar o esporte". Entretanto, no final, enaltece os benefícios da sua prática, considerando-a como uma prática atraumática: "A natação é um esporte (...) atraumático, vamos dizer assim... não está muito sujeito a lesões de torcer, de joelho, o ombro é o que afeta mais".

Tendendo a estabelecer a noção de causalidade entre os exercícios e a saúde, discutida e fragilizada por nós e outros autores (Faria Júnior, 1991; Soares, 1994; Devide, 1996) em função do seu aspecto multifatorial; ou até mesmo uma noção de saúde como ausência de doenças, conceito já reelaborado pela Organização Mundial da Saúde (WHO, 1984); alguns informantes traduzem, às vezes, a natação como um remédio com propriedades curativas. Vide as falas de Aram (69 anos): "Quando eu tenho qualquer 'ziguizira': tô doente, tô meio gripado, tô assim, tô com dor de cabeça, eu vou pra piscina, nado e saio novo. (...)"; e Flávio (48 anos): "Eu estava tendo (...) uma dor na coluna, (...) depois que eu comecei a nadar, eu nunca mais eu tive. Eu tinha (...) uma dor na perna (...) eu comecei a nadar eu não tive mais".

Consideramos, então, que o binômio saúde-exercício destaca-se por ser reificado, socialmente compartilhado, presente nos meios de comunicação de massa e no discurso dos profissionais de saúde (Carvalho, 1993), contribuindo para a sua saliência nas falas dos *masters*.

### iii O conagraçamento

A *confraternização* é característica da natação *master*. Os nadadores afirmam se envolver com a natação estabelecendo raízes, através da criação de um grupo em que se sentem filiados,

valorizados e, às vezes, cultuados como exemplos, o que "mexe" com a auto-estima.

Portanto, a coesão grupal e a *confraternização* proporcionada pelo esporte desempenham um papel relevante no cotidiano dos *masters*, sendo constantemente identificada no seu discurso, em que a natação torna-se o elemento comum responsável pela união do grupo, superando, por vezes, barreiras sociais, culturais e econômicas, como vemos na fala de Flávio (48 anos): "No *master* (...) não existe nenhuma diferença se você tem 20 anos ou se você tem 60. (...) a integração é total. (...) todo mundo é uma coisa só. *Todo mundo é nadador*"; e de Aroma (39 anos): "A amizade que a gente faz (...) é independente da parte social, econômica, racial e tudo. *Você se junta porque tem alguma coisa em comum. E aí é super alegre* (...). A *confraternização*".

Aisina (63 anos) não encobre o desejo e a felicidade pela vitória. Entretanto, ela insere e salienta, através do operador argumentativo *mas*, que isso não deve se tornar o aspecto central da prática da natação, pois esbarra em um dos princípios mais valorizados pelo grupo: a *confraternização*: "(...) é lógico que eu sou competitiva na hora que caio na água. (...) **Mas** ganhar ou perder é consequência. (...) se você for ficar lá pra baixo porque perdeu, então... *perde a finalidade do master*. (...) é essa *confraternização*, é estarmos juntos".

A natação *master* foi responsável pela aproximação de Gastão (88 anos) com pessoas da terceira idade (como ele define os idosos): "Me tornei mais interessado neste convívio com as pessoas de idade. (...) Os *masters* estão reunindo mais esse pessoal da terceira idade". Ele cita vários fatores responsáveis por sua prática esportiva, pondo em relevo a *confraternização*: "Primeiro lugar, o *conagraçamento de masters*. (...) é um incentivo, porque um dos problemas sérios... é quando (...) você se aposenta. (...) fica assim com um vazio, (...) *precisa se ocupar* (...) com alguma coisa que dá prazer. Então, a melhor coisa (...) é a natação".

Nora (74 anos) também deposita grande influência na *confraternização* para se manter ativa e participando do movimento *master*: "tenho uma turma do Icarai, de que eu gosto muito, (...) é bom a gente ter essa amizade, a gente *viaja junto*. (...) *Eu me divirto, eu tô enturmada*".

### Diferenças nas RSs face à idade

Identificamos mais convergências do que divergências nas RSs do grupo. Elementos como a competitividade e a valorização da premiação, p. ex., foram identificados no discurso e nas práticas dos mais jovens e dos mais idosos. Da mesma forma, a "maturidade" diante da vitória e da derrota é visível no discurso do grupo em geral. As auto-representações focadas na figura do campeão e a persistência em enaltecer a natação como o melhor esporte também são compartilhados no contexto geral do grupo, com poucas exceções.

Outros aspectos, embora compartilhados, tendem a ser abordados de forma distinta pelos informantes. Tanto os *masters* jovens quanto os mais idosos apresentam diversidade quando discorrem sobre o *uso da natação no combate aos sinais nocivos do envelhecimento*. Os idosos constroem o discurso com base na realidade vivida, deixando nítido na superfície discursiva

o uso da natação para o combate ao envelhecimento, enquanto os mais jovens têm uma visão perspectiva sobre a velhice, deixando o aspecto do combate aos seus sinais menos explícito, como a fala de Luiz (36 anos): "O importante pra mim, hoje, é (...) chegar aos 60 anos nadando, 65 com saúde. (...) Só isso. (...) me preocupa (...) ter um envelhecimento bom (...), saudável"; e a fala de Júlio (31 anos), que explicita a idéia de hoje utilizar a natação para ter uma velhice futura com qualidade: "a gente estar aqui (...) não deixa de ser uma preocupação de envelhecer bem, com uma qualidade de vida (...) uma cabeça boa, (...) o corpo vai sempre envelhecer. Não tem como parar isso. (...) aqui a gente tá plantando (...) pra um futuro".

Alguns masters mais idosos utilizam a natação como meio de manterem a autonomia e a saúde para não dependerem dos familiares. Alberto (78 anos) reconhece a valorização da família por se manter fora do estigma social do 'velho': "o importante é (...) ser um velho saudável. (...). E isso a natação ajuda. (...) os masters são mais (...) conservados (...). Quando eu faço aniversário, vai toda a família (...) é uma festa (...). De saber que eu não sou doente e ainda posso ajudá-los". Já Alsina (63 anos), sente-se valorizada pelos resultados das competições e o vínculo social que criou a na natação: "meu filho tem o maior orgulho. 'Pô! Quantas medalhas você trouxe?'. (...) a família fica contente de ver a mãe... saudável, estimulada, competindo, sabe? Participando, vivendo com os amigos".

Através da natação alguns masters afirmam procurar viver mais tempo, como Gastão: "O espírito do master é garantir a um homem 100 anos. (...) Eu tô com 88, (...) talvez se eu não fizesse o que faço, (...) eu não tivesse aqui, né? [risos]. (...) É o meu remédio (...). Eu não tomo remédio, o meu remédio é esse [a natação]"; ou buscam retardar a rapidez da decadência física, como Maria Lenk (84 anos): "foi comprovado: a pessoa decai pelo desuso. (...) as fibras musculares, o sistema nervoso, (...) dos que se (...) entregam à velhice, têm uma decadência muito mais rápida. (...) o que nós estamos processando, é que se faça o uso pra evitar essa decadência rápida".

Na fala de Maria Lenk, identificamos a polifonia inerente à sua condição de master quando, ao final da fala, utiliza o pronome nós como porta-voz do grupo; e no início discorre sobre pesquisas enquanto professora catedrática da antiga Universidade do Brasil.

Outros masters, no entanto, marcam a sua alteridade em relação ao grupo, relativizando a contribuição do esporte no processo de degeneração física. Nora (74 anos), p. ex., constrói a sua fala com argumentos que fragilizam a influência da natação no combate ao envelhecimento, explicitando que não deve ser vista como a panacéia para os sinais decorrentes do processo degenerativo:

"Eu, nadando, não vai melhorar a minha vista. Eu tô com (...) astigmatismo (...). O que (...) pode melhorar é (...) a minha aptidão cardiorrespiratória. (...) a natação não é a panacéia para tudo. Não vai evitar que os meus dentes caiam. (...) atribuir (...) que a gente nada porque é um remédio contra isso e aquilo, não é verdade. A gente nada porque a gente gosta. (...) se não gostasse, (...) por mais que os médicos me dissessem; (...) eu não iria".

A valorização do *amadorismo da natação master*, a condenação dos excessos na disputa e o resgate da juventude são aspectos salientes entre os masters idosos. Nora, p. ex., enaltece a relevância do *amadorismo*, que remete a valores de *lealdade, moral e liberdade de escolha*, que a mantém no movimento e são esquecidos pelo esporte de rendimento, sobre o qual tece críticas:

"bonito no esporte é realmente aquela coisa amadora, (...) aquela lealdade (...). De você não ter a obrigação de ganhar sempre. (...) é uma coisa limpa. Isso é uma coisa muito importante na natação master. (...) esse negócio do profissional (...) estralcha a personalidade dos atletas".

Em função da premiação, muitas vezes a participação e disputa pelos primeiros lugares gera excessos de alguns nadadores mais vaidosos, que desrespeitam os seus limites individuais, na tentativa de vencerem suas provas na presença de nadadores mais aptos e habilidosos. Esta atitude é condenada por informantes como Maria Lenk, que critica os que permanecem no *master* medindo esforços com terceiros, que muitas vezes têm um nível atlético melhor.

"Nem todos se conscientizaram, (...) ambicionam, se excedendo e até se prejudicando (...) por um excesso. Se decepcionam porque não vencem. Eles querem se auto-realizar naquilo que na juventude não fizeram, achando que podem recuperar agora, quando se esquecem que é uma situação completamente diferente". (Maria, 84 anos).

A possibilidade de realizar uma atividade esportiva de competição em diferentes etapas da vida, faz com que os informantes falem sobre a aparência estética conservada dos masters, como Aram (69 anos): "(...) poucas pessoas dão a idade que eu tenho me olhando. Eu, comparando com (...) meus colegas (...), sinto uma diferença muito grande"; e Gastão (88 anos):

"(...) o convívio com o jovem (...) faz com que a gente (...) não fique só: '-Tô velho, tô velho'. Eu tô velho coisa nenhuma! Eu tenho idade, mas não tô velho [risos]. (...) velho é aquele que se omite. (...) que se afasta do jovem, (...) do esporte, que fica em casa vendo televisão, né? Resmungando... Os jovens são estes masters todos".

No depoimento de Gastão, que o faz porta-voz e "membro" do grupo (Coulon, 1995), percebemos que os masters não se auto-rotulam "velhos", pois para eles o termo é pejorativo e distante da realidade em que vivem no cotidiano da natação, e que outros idosos vivenciam em contextos relacionados à atividade física (Stigger, 1997; Shigunov, 1997; Okuma, 1998).

Talvez estes três aspectos, o *amadorismo*, a condenação dos excessos e o *resgate da juventude*, sejam mais salientes entre os idosos masters por serem eles os recordistas mundiais não-reconhecidos pela mídia, as vítimas fatais da exacerbação da disputa nos campeonatos, e aqueles que, através da disputa e da prática esportiva, sentem-se "iguais" aos jovens. Logo, tais traços são valorizados, circulando mais nas comunicações e interações desta porção do grupo.

## Considerações finais e sugestões

No curso da prática esportiva, esses atores afirmam depararem-se diariamente com os sinais do envelhecimento, que podem ser identificados na queda do rendimento físico, contribuindo para que reconheçam os seus limites individuais, não excedendo-os. Entretanto, apesar dos *masters* acompanharem a cada evento, os sinais da decadência física sucessiva, isso lhes soa natural, pois a manutenção da saúde, da autonomia, a criação e manutenção de um círculo social, e o desempenho nas piscinas sejam mais relevantes para o grupo.

Consideramos nossos informantes membros do movimento *master*, pois dominam a linguagem "natural" do grupo, em que circulam elementos de suas RSs sobre a prática competitiva da natação. Assim, para salientar os elementos centrais das RSs dos *masters* campeões, ao fim da entrevista, solicitamos que discorressem sobre algo que traduzisse os princípios da natação *master*, o que nos permitiu observar com maior nitidez os seus elementos nucleares, mais compartilhados e presentes na sua memória coletiva do grupo. Neste texto, então, escolhemos a fala mais breve, que traz alguns elementos sobre o sentido da natação *master*: "acho que é... fraternidade, amizade, família, respeito..." (Luiz, 36 anos)

Em virtude da brevidade e da ausência de comentários, podemos atribuir diversos sentidos a cada um dos aspectos enumerados por Luiz. No entanto, interpretando o que ele diz a partir da formação discursiva (Pêcheux, 1995) do grupo, de sua posição de nadador campeão e, conhecendo as características do seu discurso, inferimos que a *fraternidade* à qual se refere, relaciona-se ao espaço que a natação *master* proporciona para pessoas de todas as idades e competências técnicas heterogêneas; a *amizade*, ao respeito aos vínculos criados e restabelecidos através da participação nos eventos, que estão diretamente relacionados à "*família master*", como muitos concebem o grupo. Já o *respeito* a que ele se refere, acreditamos estar relacionado à prática de exercícios, pois em sua entrevista ele afirma que aqueles que praticam atividade física são vistos de outra forma por outras pessoas, sendo mais valorizados e respeitados.

Nesse contexto, reconhecendo a polissemia (Pêcheux, 1995) e a indicialidade lingüística (Coulon, 1994), concebendo os informantes como sujeitos históricos que constroem o seu discurso dialogicamente na interação, enunciam de uma posição social "vigilados" por formações discursivas de um grupo (Pêcheux, 1995) e por mecanismos de controle inerentes a este (Foucault, 1996); procuramos construir a síntese possível sobre os elementos mais marcantes, identificados por nós no discurso e nas práticas dos nadadores *masters* brasileiros.

Por fim, estamos conscientes da complexidade das RSs identificadas nesta pesquisa, que desafia e instiga a investigação de outros de seus aspectos ainda pouco nítidos. Com este e novos estudos, espera-se, os profissionais que interagem com os *masters* poderão otimizar suas práticas e melhor reconhecer os objetivos e desejos desses atores que trazem em si a marca da alteridade.

## Referências bibliográficas

- ABRIC, J. C. (1994). L'organisation interne des représentations sociales: système central et périphérique. In: GUIMELLI, P. (org.). *Structures et transformations des représentations sociales – textes de base en sciences sociales*. Lausanne: Delachaux et Niestlé. p. 73-84.
- BAKHTIN, M. (1995). *Marxismo e filosofia da linguagem*. 7. ed. São Paulo: Hucitec.
- BECKER, H. (1997). *Métodos de pesquisa em ciências sociais*. 3. ed. São Paulo: Hucitec.
- CARVALHO, Y. M. (1993). *O "mito" da atividade física e saúde*. São Paulo: Hucitec.
- COSTA, J. F. (1994). Pragmática e processo analítico: Freud, Wittgenstein, Davidson, Rorty. In: COSTA, J. F. (org.). *Redescrições da psicanálise*. Rio de Janeiro: Relume Dumará. p. 9-59.
- COSTILL, D. et alii. (1992). *Natacion*. Barcelona: Hispano Europea.
- COULON, A. (1995). *Etnometodologia*. Petrópolis: Vozes.
- DEVIDE, F. P. (1996). Educação física e saúde: em busca de uma reorientação para a sua práxis. *Revista Movimento*. Porto Alegre. ano III (5): 44-55.
- \_\_\_\_\_. (1998). A história oral temática da Associação Brasileira de *Masters* de Natação. In: OLIVEIRA, V. M. (org.). *História oral aplicada à educação física brasileira*. Rio de Janeiro: Universidade Gama Filho. p. 65-106.
- DUMAZEDIER, J. (1994). *A revolução cultural do tempo livre*. São Paulo: SESC/Studio Nobel.
- FARIA JÚNIOR, A. G. de. (1991). *Educação física, desporto e promoção da saúde*. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras.
- FIORIN, J. L. (1995). *Linguagem e ideologia*. 4. ed. São Paulo: Ática.
- FOUCAULT, M. (1996). *A ordem do discurso*. 3. ed. São Paulo: Loyola.
- GARFINKEL, H. (1994). *Studies in ethnomethodology*. New York: Blackwell.
- JODELET, D. (1989). Représentations sociales: un domaine en expansion. In: JODELET, D. (org.). *Les représentations sociales*. Paris: PUF. p. 31-61.
- \_\_\_\_\_. (1998). A alteridade como produto e processo psicossocial. In: ARRUDA, A. (org.). *Representando a alteridade*. Petrópolis: Vozes. p. 47-67.
- MADEIRA, M. (1998). Linguagem e representações sociais: quando a vivência se torna palavra. In: MADEIRA, M. (org.). *Representações sociais e educação: algumas reflexões*. Natal: EDUFRN. p. 7-21.
- MAINGUENEAU, D. (1997). *Novas tendências em análise do discurso*. 3. ed. Campinas: Pontes/Editora da Unicamp.
- MOSCOVICI, S. (1978). *A representação social da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar.
- \_\_\_\_\_. (1995). Prefácio. In: GUARESCHI, P.; JOVTCHELOVITCH, S. (orgs.). (1995). *Textos em representações sociais*. 2. ed. Petrópolis: Vozes. p. 7-16.
- OKUMA, S. S. (1998). *O idoso e a atividade física*. Campinas: Papirus.



- PÁVEL, R. de C. (1993). *A natação representada no universo dos idosos masters*. (Tese de Livre-Docência). Rio de Janeiro: UGF.
- PÉCHEUX, M. (1995). *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. 2. ed. Campinas: Unicamp.
- RORTY, R. (1994). *Contingência, ironia e solidariedade*. Lisboa: Presença.
- SÁ, C. P. de (1996). *Núcleo central das representações sociais*. Petrópolis: Vozes.
- \_\_\_\_\_. (1998). *A construção do objeto de pesquisa em representações sociais*. Rio de Janeiro: EdUERJ.
- SANTIAGO, L. V. (1993). *Natação master: resistindo à velhice*. (Dissertação de Mestrado). Rio de Janeiro: UGF.
- SHIGUNOV, V. (1997). Os motivos sociais e sua relação com a prática e participação em competições de masters. *APEF de Londrina*. Londrina. 2 (2): 42-49.
- SOARES, C. L. (1994). *Educação física: raízes européias no Brasil*. Campinas: Autores Associados.
- SPINK, M. J. (1995). Desvendando as teorias implícitas: uma metodologia de análise das representações sociais. In: GUARESCHI, P.; JOVTCHELOVITCH, S. (orgs.). (1995). *Textos em representações sociais*. 2. ed. Petrópolis: Vozes. p. 117-145.
- \_\_\_\_\_. (1996). O discurso como produção de sentido. In: SCHULZE, C. (org.). *Novas contribuições para a teorização e pesquisa em representações sociais. Coletâneas da ANPEPP*. Florianópolis: UFSC. 1 (10): 9-35.
- STIGGER, M. P. (1997). Futebol de veteranos: um estudo etnográfico sobre o esporte no cotidiano urbano. *Movimento*. Porto Alegre. 4 (2): 52-66.
- VOTRE, S. J. (org.). (1996). *A representação social da mulher na educação física e no esporte*. Rio de Janeiro: UGF.
- \_\_\_\_\_. (org.). (1998). *Representação social do esporte e da atividade física: ensaios etnográficos*. Brasília: INDESP.
- WHO. (1984). *Health promotion: a discussion document of the concept and principles*. Copenhagen: WHO.

---

**ABSTRACT:** *The main goal of this study was to identify the elements of the masters' social representations about the competitive practice of swimming. Ten master champions, ex-athletes in their childhood who are associated to the Brazilian Association of Swimming Masters constituted the group of informers. A guided interview was used together with the participant observation, made in seven events of the 98' official calendar of master swimmers. For the analysis, we used a plurimethodological approach, based on the Social Representations, the Discourse Analysis, and the Ethnomethodology, focusing four categories: competition, health, aging, and leisure. Polifony, polissemy, plurireferenciality, and the construction of the meaning in the dialogism were identified as marks of masters discourse. The social representations of the masters form a web of knowledge, which is structured around three nuclear elements: i) the competition; ii) the health maintenance; and iii) the socialization, that tend to include others such as the disapproval of excessive dispute; the quest of a healthy old age; the valuation of awards; and the respect for individual limits. Considering the differences related to the age, we identified a homogeneity which converges to the valuation of awards and competition, the maturity before the results, the champions self-representations and swimming as the best sport. The aspects that mark the group diversity are the form they face physical decadence, the master amateurism, the disapproval of competition exacerbation, and the rescue of joviality.*

**KEYWORDS:** *Social representations; Master Swimming; Competition*

---